

INTRODUÇÃO

A idéia que norteia a pesquisa se condiciona através de uma análise bibliográfica sobre produções acadêmicas da Educação Física publicadas no Brasil. Das particularidades destas publicações é primordial que seu conteúdo esteja atrelado com a temática das Artes Marciais fundamentadas na cultura oriental.

O trabalho se sustenta na divisão estratégica de dois capítulos, que representam também dois momentos fundamentais para a apresentação da pesquisa: a) a apresentação e contextualização das Artes Marciais na perspectiva social, filosófica e de domínio cultural; b) e na apresentação do domínio teórico acadêmico e interpretação dos dados adquiridos a partir da delimitação proposta pela metodologia adotada para a realização do estudo.

Tendo anteriormente identificado que o trabalho está estruturado para suprir a parte de fundamentação e representatividade das Artes Marciais orientais, excluindo aqui trabalhos relacionados a capoeira. E neste aspecto, será afirmada a ideia e caracterização sobre o processo de apropriação e interpretação da cultura que se encontra fora do mundo ocidental que por Edward Said (*apud* SOUSA, 2010) convencionou-se a chamar de orientalismo.

A discussão sobre o que será chamado por orientalismo, se dá através do processo de globalização. Sobre essa troca de abordagens, Sousa (2010) diz que, existe um duplo movimento que se caracterizam pela ‘ocidentalização’ do oriente, e a ‘orientalização’ do ocidente, de forma que produtos culturais dos dois lados tenham alguma influência sobre ações e interpretações dos dois pontos. Exemplos que podem ser colocados através da culinária, literatura, cinematografia, entre outros.

O caráter do orientalismo surge a partir de produções teóricas que indicam uma forte diferenciação das tradições ocidentais, sugerindo uma sociedade indecifrável. E isso se deve à força representativa, principalmente, das abordagens culturais japonesas.

[...] ainda que estejamos em contato com alguns elementos da cultura oriental, as tradições milenares dos países do Extremo Oriente ainda causam estranheza. É comum identificarmos o Japão à noção de —outro, uma nação diferente de —nós. As literaturas e as produções teóricas de japonólogos reforçam esse sentimento, sugerindo uma sociedade enigmática, indecifrável. (SOUSA, 2010. p. 31)

O ‘japonólogo’ consiste na apresentação de rituais, formas de expressão e cultura do território japonês, tendo em vista a forte representação cultural, social e a popularidade de suas expressões. E toda a representação enigmática não se volta simplesmente aos modos e

caracterização social, mas também traz reflexos da política local e posicionamentos relativos à sua postura frente aos critérios e tradições políticas e sociais europeus e americanos.

A interpretação que é feita na troca já dita, é caracterizada por Sousa (2010) através do ‘outro’, leituras interpretativas que são feitas através da imitação, da apropriação de algum costume e até mesmo da exposição do ‘outro’. E devido a esse formato de leitura, o ocidente se apropriou de movimentos, abordagens e técnicas de lutas marciais tradicionais ao oriente.

A orientalização do ocidente traz consigo a interpretação, e isso retoma a ideia do ‘outro’ enigmático, das lutas que foram semeadas no cenário brasileiro. Tal fenômeno aparece surge através da vinda de imigrantes japoneses incentivados a vir para o país, no início do século 20. Período esse em que se dá a vinda de Mitsuo Maeda (conhecido também como Conde Koma) ao Brasil junto a um grupo de lutadores e a consequência da disseminação da prática do Judô.

A interferência cultural existente se dá através das próprias manifestações das lutas e a possibilidade de apropriação cultural, o que permite novas interpretações e adaptações do ser humano ou da própria modalidade. Exemplo disso está na prática e envolvimento cultural no país com o judô e a capoeira. Sendo a modalidade de luta proveniente do Japão um forte símbolo de apropriação no território nacional devido à quantidade de imigrantes e à posterior competição olímpica, quanto à capoeira, os fatores de representação surgem enraizados à história do país.

No que diz respeito à capoeira, é importante destacar que a mesma é considerada patrimônio cultural pelo Ministério da Cultura face sua forte inserção social em decorrência de sua origem e desenvolvimento no Brasil. No entanto, olhar este processo nos permite ver um caminho cheio de barreiras que esta prática sócio-cultural enfrentou, sendo considerada marginalizada e que poderia trazer outras significações (religiosas) que feriam o pensamento hegemônico cristão no país. (SOUSA, 2010. p. 12).

Logo, torna-se possível trazer a afirmativa de que a representação das artes marciais no Brasil vem de períodos anteriores à vinda de imigrantes. E isso se dá através da Capoeira, que era então empregada como meio de defesa no sistema escravocrata, e que na atualidade é tida como patrimônio cultural brasileiro.

A interpretação das artes marciais no Brasil toma um sentido diferente ao sentido inicial, característico ao oriente. A origem da prática que tinha objetivo de defesa e funcionalidade de guerra assume, na atualidade, outra significação. Ainda que a filosofia das práticas e suas técnicas sejam parcialmente preservadas, as lutas modernas assumem um caráter esportivo e apresentam elementos de cultura corporal, que consiste em que acolher

práticas de cunho histórico, culturalmente concretizadas e resultantes como patrimônio contemporâneo passível de modificações da época em que se dá. Para Pimenta (2008), através da evolução das práticas e dos avanços determinantemente sociais, adquire o símbolo esportivo.

[...] a partir de um processo de evolução na estrutura do pensamento, do místico ao racional (que contribuiu para um processo de secularização das atividades corporais e conseqüentemente das artes marciais), do avanço do capitalismo (culminando em processos de valorização das atividades físicas como produtos específicos voltados para a acumulação de bens econômicos) e, conseqüentemente, de um crescente aumento da veiculação das atividades físicas nos meios de comunicação, as artes marciais orientais, atividades criadas com fins inicialmente bélicos e propedêuticos, adquiriram características de esporte, visam a competição, a rivalidade, os benefícios extrínsecos e a vitória a qualquer preço. (2008, p.2).

E dessa forma, carrega objetivos inseridos ao meio social capitalista, fugindo da iniciação da defesa pessoal, e da retomada de praticas de cunhos místicos e religiosos.

Sobre o material que compõe a pesquisa, será traduzido pelo levantamento e categorização de produções teóricas no cenário brasileiro, seguindo qualificações atribuídas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. É de interesse que sejam descobertas e analisadas as condições das obras publicadas nos periódicos nacionais da Educação Física e que tenham em algum momento abordado as artes marciais, analisando e discutindo a sua relevância no cenário acadêmico, contextualizando diferentes caminhos e exigências. A ideia inicial é conseguir realizar um levantamento sobre as produções publicadas em revistas nacionais da Educação Física, tendo em vista as delimitações qualitativas das obras para que contribuam efetivamente com a pesquisa, desta forma, os documentos inseridos na base de dados desta pesquisa estão classificados entre A1 e B4 segundo o Quali CAPES tendo sido publicados entre o ano de 2005 até 2015. Tendo a raiz deste tema como as Artes Marciais, serão consideradas para contribuição teórica as vertentes históricas, culturais, sociais, pedagógicas, biodinâmica, entre outras possibilidades.

Sobre os instrumentos metodológicos envolvidos, identificam-se: a coleta de dados; amostragem; e análise de dados. Dando condição para o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa.

O trato da pesquisa objetiva de forma geral identificar o cenário de produção nacional sobre artes marciais, trazendo ainda em suas especificidades reconhecer abordagens, apresentar as obras publicadas e analisar, dentro de um aspecto total, a publicação destas.

Para melhor justificar a pesquisa, é interessante relevar conceitos de Minayo (1994), condizentes ao questionamento de que contribuições para a compreensão, intervenção ou solução para o problema trará a realização de tal pesquisa. De modo que a pesquisa justifica-se na necessidade de conhecer melhor a produtividade acadêmica brasileira, trazendo sentido ao levantamento teórico que exista a fim de abordar a temática das artes marciais e esteja relacionada ao cenário da Educação Física.

CAPÍTULO 1

CONTEXTUALIZANDO AS PRÁTICAS MARCIAIS

As práticas marciais são atividades que ainda possuem suas origens com determinadas indefinições, como sobre o nascimento da prática, podendo crer que muitas delas são bastante antigas. Pensando em seu desenvolvimento, há características em algumas práticas, que, se encontram presentes em sua evolução desde o início das civilizações: elas se materializam nas formas de expressões corporais como as ações fundamentais de chutar, agarrar, utilizar instrumentos, entre outros. Tais fundamentos são expressões surgidas em contextos de conflitos e guerras. Também se desenvolveu algumas manifestações que portam ritualidades, comportamentos éticos e símbolos, como a própria expressão *Artes Marciais* que tem sua origem relacionada ao deus Marte (deus da guerra) na mitologia greco-romana. Assim, isso pode ser compreendido e defendido perante a palavra de Sousa (2010) ao afirmar que as lutas marciais são uma das manifestações mais antigas do mundo e que surgiram principalmente em situações de garantia da sobrevivência.

Ainda que o reconhecimento da origem seja incerto, a literatura indica caminhos que abordem tradições e atividades que possam ser identificadas como mais uma manifestação original das lutas marciais. A partir da idéia de reconhecimento da origem das artes, Reid e Croucher (2004) começam a especular a sua origem indicando alguns fundamentos e a tradição secreta do leste indiano, sobre o ensino e prática de lutas, neste caso a especificidade do kalaripayt. Estes mesmo autores elencam que as práticas marciais possuem uma forma de transmissão de seu conteúdo (tradição oral e a própria prática) que não permitem fundamentações empíricas destas:

Um estudo da história das artes marciais não pode ser mais do que um conjunto de especulações baseadas num pequeno número de fatos conhecidos. Os mestres de antigamente não revelavam seu conhecimentos com facilidade. O privilegio de conhecer as técnicas e a sabedoria que eles acumulavam no decorrer de anos de dedicação só era conhecido a uns poucos. São abundantes as histórias de jovens que aguardavam anos e anos pela honra de poder entrar no campo de prática e que, depois de entrar, eram proibidos de partilhar com os ‘de fora’ o conhecimento adquirido com o treinamento. (REID; CROUCHER, 2004, p. 23).

Sobre a possibilidade de aprofundamento nesse caminho, os autores supracitados reconhecem, além dos princípios originais da própria arte, as vertentes que dão forma à construção de cada caminho específico a ser seguido. Assim, é necessário para a compreensão, buscar a identificação das propostas, técnicas e rituais competentes às artes marciais, desde os aspectos históricos de forma que os possa relacionar aos conceitos fundamentais desta arte ainda nos dias atuais.

Quando existe a busca sobre a compreensão do que seja a, é condicionado o sentido de posicioná-la enquanto cultura corporal e também como prática corporal, restando assim contemplar ambos os conceitos. A luta, enquanto possuidora de caráter de movimento social ou prática de sobrevivência, assume também em determinados momentos características socioculturais presentes nas sociedades de sua origem.

Sousa (2010), a partir da teoria da ação social¹ em Max Weber, define lutas quando houver ações orientadas pelo propósito de colocar alguma vontade contra a resistência do adversário, o que não determina exatamente o combate, mas pode caracterizar a concorrência. São definidas dois tipos de formas de lutas: 1) aquela relacionada a seleção, cuja a própria integridade do sujeito ou do grupo social possam estar sob risco e; 2) aquela que se dá no campo das discussões e embates de idéias, com a tentativa de sobrepujança de uma sobre a outra.

Logo, a representação das lutas perante o conceito de artes marciais pode ser encontrado quando, após suas possíveis definições de prática de sobrevivência ou até mesmo da vontade contra a resistência do oponente, possa existir em algum tipo de grau o conflito. Conceito que acaba sendo adotado no território oriental, compondo a história e assumindo as tradições.

A construção ideológica da luta pode ser identificada como instrumento da cultura e das práticas corporais. Isso acontece através da possibilidade de interpretar de diferentes formas a caracterização social que adere aos critérios e às filosofias do estilo de luta. Mesmo havendo oportunidade para a segmentação destes dois termos, existe entre eles um elo fundamental para a consolidação das lutas marciais, já que as práticas corporais são fenômenos que levam, através da corporeidade, a significação do ato cultural que se desenvolve, reafirmando junto de González (2014):

¹ Ação social é toda ação orientada para o outro e que possui sentido para ambos. Uma ação que só possui sentido para um, não é ação social, pois necessita haver correspondência e sentido por um grupo social. Assim a sociologia weberiana se orienta a compreender as ações sociais (WEBER *apud* SOUSA, 2010).

As práticas corporais são fenômenos que se mostram, prioritariamente, no plano corporal, constituindo-se em manifestações culturais de caráter lúdico, tais como os jogos, as danças, as ginásticas, os esportes, as artes marciais, as acrobacias, entre outras. (SILVA *et al.* in GONZÁLEZ, 2014, p. 522)

Sobre a cultura corporal, Neira e Uvinha (2009) colocam sua tradução em uma parcela da cultura mais ampla, integrando as conquistas materiais e simbólicas específicas de uma sociedade. Encontrando em seu caminho a mesma área de ação das práticas corporais e se estruturando no condicionamento textual de outros autores:

Betti (1993) refere-se à cultura corporal como determinada pela cultura geral ao mesmo tempo em que pode determiná-la no interior de uma relação dialética estabelecida entre as duas. A cultura corporal também pode ser vista como um segmento autônomo da realidade cultural, caracterizado pelo “domínio dos valores e padrões das atividades físicas, dentre as quais destacamos as atividades institucionalizadas, como o esporte, a dança, o jogo e a ginástica.” (BETTI *apud* NEIRA; UVINHA, 2009, p.37).

O que chama atenção para as práticas marciais atuais são suas raízes, advindas de métodos de defesa e o culto ao tradicionalismo, exemplo ilustrado por Reid e Croucher (2004) nas escolas do kalaripayit (Índia), ensinamentos tradicionais de Shaolin (China) e as escolas japonesas. Conjunto que ainda traz sentido à arte marcial e semeia novas interpretações. Vejamos brevemente estas manifestações segundo a textualização desenvolvida por Reid e Croucher (2004). Difundido ao sul da Índia, o kalaripayit é a arte marcial caracterizada pelo uso de movimentos em giro e contorções ágeis, sempre sintonizados com a respiração. Tal arte é pouco conhecida fora da Índia, isso se deve ao fato de não haver mestres fora do território indiano. Dentro dos costumes dessa arte, após o ritual matinal de prática infantil, diz-se que os mestres assumiam em seus respectivos povoados a função de médico. A prática é feita por aldeias nortistas e sulistas e possuem suas diferenças, mas nos dois costumes compõem o treino tanto as técnicas sem armas como as com bastões de bambu, o treino com armas diversas e aos alunos mais avançados são ensinadas técnicas secretas de ataque a pontos vitais.

A sistematização inicial das artes marciais chinesas sofrem uma forte influência de conceitos filosóficos-religiosos. Segundo os autores anteriormente citados, a China ocupa uma posição de destaque no desenvolvimento das artes marciais há mais de 1500 anos. Suas técnicas e costumes de luta foram transmitidos a outros países por visitantes e por fundamentações de cunho filosófico-religiosas em comum com outros países. Devido à rápida disseminação das práticas de luta de origem chinesa, os ocidentais se deparando com a

complexidade e proliferação das artes, aceitaram a divisão genérica em duas escolas principais: as chamadas escola duras/externa e escola mole/externa. As escolas duras se apropriam do princípio de combater determinado ataque com a mesma ideia, a de atacar, enquanto as escolas moles, diz respeito ao uso do ataque do oponente contra ele próprio. No entanto, ainda que existam diferenças notáveis entre as duas escolas destacadas, é necessário buscar outro pensamento da cultura de origem das artes. Exemplificando através do símbolo de *yin* (termo chinês que significa sombra) e *yang* (termo chinês que significa luz) – os opostos complementares são os princípios fundamentais do universo, ou seja, sempre há um pouco de cada dimensão contrária para complementar o conceito usado. As artes suaves chinesas, chamado de sistema suave ou interno, tem forte relação à filosofia religiosa no país, o Taoísmo².

As escolas de armas do Japão se dão a partir da divisão da sociedade estamentada a partir da divisão social existente, similar ao modo de produção feudal encontrado na história ocidental e a constituição de governos militares (shogunatos). Portanto, nesse período de embate contínuo, os jovens ligados a aristocracia japonesa e as classes *bushi* (guerreira) aprendiam o *bujutsu* (técnicas ou artes da guerra), o *kyu-jutsu* (artes do arco), *ken-jutsu* (artes da espada), *naginata-jutsu* (artes de alabarda), *so-jutsu* (artes da lança), aulas de caligrafia, cerimoniais, poesias entre outras tantas artes dirigidas à educação samuraica. Em contrapartida, no período condizente já se estruturava a escola de combate mais antiga do Japão (1447), onde os ensinamentos de seu fundador continuam sendo transmitidos sem alterações – TenshinShodenKatoriShintoRyu. Segundo a literatura (REID; CROUCHER, 2004) o objetivo da escola era de oferecer aos seus alunos o estudo da arte marcial pura, buscando então aperfeiçoá-la. E todo esse caráter cultural é sustentado ainda hoje, ao contrário do que fora dado como significado à expressão/termo “marcial” nas práticas ocidentais, como o uso de regras e conceitos de guerra. SenseiChoisai, fundador da TenshinShodenKatoriShintoRyu, tinha o nome de sua escola atrelado a uma filosofia baseada na prática pura e/ou celestial:

ChoisaiSensei acreditava que havia descoberto os ensinamentos diretos e verdadeiros do deus Futsunushi-no-Kami, adorado no Santuário Katori, e por isso antepôs ao nome KatoriShintoRyu a expressão *tenshinshoden*, que significa ‘tradição celeste, verdadeira, correta’. Isso nos dá o nome completo da tradição, ‘TenshinShodenKatoriShintoRyu’, que significa ‘a tradição

² O conceito dessa prática está intimamente atrelado às raízes e nas crenças mais antigas do povo chinês. Em virtude dos conceitos taoístas, as artes suaves chinesas tem um caráter naturalista, o que pode ser facilmente relacionado com o uso de formas animais e a interpretação de cinco elementos (metal, água, terra, fogo e madeira) agentes do desenvolvimento natural.

marcial que é o caminho dos deuses’. Como a palavra ‘Shinto’, que significa ‘o caminho dos deuses’, significa o caminho verdadeiro e correto que os homens devem seguir, à semelhança de todas as tradições xintoístas que nos foram transmitidas desde os tempos antigos, está implícita nela a ideia de um caminho que as pessoas devem trilhar com um coração sincero. Ao que parece, foi assim que ChoisaiSensei entendeu esse conceito e usou-o em sua tradição marcial”. (REID; CROUCHER, 2004. p. 148).

Na época da publicação dos autores supracitados, tem-se o depoimento do atual representante da escola. Mestre Ohtake expõe a ambiguidade inculcada no termo que dá significado à prática ensinada, o ‘*heiho*’. O termo – *heiho* – quando escrito em caracteres japoneses assume o sentido de ‘método do soldado’, já na escrita de característica chinesa traz o significado de ‘calmo’ ou até mesmo ‘pacífico’. Logo, a iniciativa adotada para a divergência terminológica é a de trazer percepção de que o método marcial é sim uma via de combate, mas que a vitória adquirida pela morte do adversário não é uma vantagem genuína e é esse o sentido da paz.

O desenvolvimento do que se tornou o *karate-do* (caminho das mãos vazias) tem origem reconhecida no arquipélago de Ryūkyū, em sua maior ilha que é Okinawa. A técnica de mãos vazias tem sua contextualização ligada à história socioeconômica das nações próximas ao arquipélago, o Japão e a China. Segundo Frosi e Mazo (2011) o *karate-do* é o resultado de um processo multicultural. Por volta do século XIII ou XIV, o sistema econômico trazia um notável desfavorecimento aos *heimin* (camponeses), fator que estimulava tal grupo a se exercitar e contrapor ao governo e aos *peichin* (guerreiros/casta militar). Estes elementos influenciaram a origem desta escola marcial, naquele momento chamado *te* (mãos). Aliado a isso, havia também a proibição do porte de armas à população comum, o que levou ao surgimento de um sistema de defesa que se desenvolveu com técnicas limitadas de agarramentos, empurrões e batidas de ombro, punho e pés. Adiante, a técnica foi apropriada por parte das próprias castas guerreiras e também sofreu influências vindas das práticas marciais chinesas a partir dos marinheiros deste país que faziam visitas rotineiras na ilha. Antes de assumir o nome que carrega ainda hoje, apesar das mais de 60 escolas diferentes da arte, o *karate* usou nomes como *ShimpiTo-de* (misteriosa mão chinesa), *ReymioTo-de* (miraculosa mão chinesa) e o termo já dito, *Te* (que significa ‘mão’). Historicamente, a prática toma segmentos diversificados como a tomada de posturas, o uso de bases e flexões de membros para efetivar a técnica, porém os *karatê-ka* (homens do *karate*) frisam a unidade da prática, entre eles Gichin Funakoshi (1868-1957) que discordava do uso de Shotokan Ryū para nomear o estilo que representava, acreditando ser o *karatedō* um só caminho.

As práticas marciais resumidamente apresentadas carregam ligações superficiais entre si, simplesmente pelo objetivo que carregam, todas são inicialmente pensadas como meio de defesa. Porém, as questões socioculturais geram diferentes tipos de lutas e diferentes vertentes filosóficas e metodológicas. O processo de transformação de significados e sentidos que percorrem a história destas práticas no contexto japonês faz com que surja o conceito de Budô. As práticas marciais a partir de sua associação com a religiosidade e espiritualidade desenvolvida no país entendem que as lutas são Caminhos de elevação espiritual, de acesso à divindade, à verdade, bondade e beleza. É uma condição de possibilidade de transcendência espiritual e pessoal, refletindo a ilimitada natureza do Universo e o processo de criação. Isto pode ser exemplificado nos dizeres do *O sensei* Morihei Ueshiba (1883-1969), fundador do aikidô:

Tal virtude gera luz e calor, formando a espada divina da harmonização espiritual entre o céu, a terra e a humanidade; quando a situação emerge, armado com a espada da harmonização e agindo de acordo com os princípios do céu e da terra, pode-se continuamente cortar a falsidade e o mal, limpando assim o caminho que conduzirá à beleza e ao mundo em seu estado original de pureza. Desse modo, quando totalmente despertado, pode-se utilizar de todos os elementos contidos no céu e na terra durante todas as quatro estações do ano. Reformar suas percepções de como o universo realmente parece e age; transformar as técnicas marciais em veículo de pureza, bondade e beleza; e dominar todas essas coisas. Quando a espada da harmonização unindo o céu, a terra e a humanidade se manifesta, somos libertados, capazes de purificar e moldar a nós mesmos. (UESHIBA, 2006, p.29).

Assim, o Budô trata-se do trabalhar e condicionar o espírito à sua máxima elevação partindo inclusive do estado de controle emocional.

O princípio iniciante de seus métodos prega a dedicação às causas nobres, ou seja, é necessária a servidão à vontade dos deuses, além da capacidade de servir também às pessoas. Segundo Ueshiba (2006), no Budô o inimigo é guiado para onde o guerreiro quiser.

No budô, nós guiamos o inimigo para onde quisermos. O propósito verdadeiro dos métodos aqui descritos é ensinar um guerreiro como receber e preencher a mente e o corpo com um espírito de valentia – ele deve polir seu próprio ki e moldar seu espírito dentro dos domínios da vida e da morte. Pratique esses métodos intensamente com sua mente e seu corpo, modifique-se incessantemente, progredindo sempre e cada vez mais, unindo-se ao céu e à terra, e unifique o treinamento com sua iluminação. Compreenda que a mente e o corpo devem ser envoltos pela alma de um guerreiro, sabedoria, iluminação e calma profunda. (UESHIBA, p.29, 2006).

O caminho da servidão aos deuses e às pessoas serve como critério de prova à benevolência e o caminho de valentia trabalhado junto aos ensinamentos absorvidos, pois

como pregam os Poemas do Caminho, por Ueshiba (p.32, 2006): “No instante em que um guerreiro encara um inimigo, todas as coisas ajudam a dar maior foco aos ensinamentos”.

Com relação a técnica, primeiramente, deve-se haver sinceridade quanto ao grau de interesse proferido ao desenvolvimento e treinamento sobre a técnica. Portanto, quando for identificada a presença de algum tipo de inimigo, é necessário ter autoconhecimento real sobre tudo o que fora aprendido, o que vem como resposta à vontade divina. O ritual de enfrentamento, nesse caso, acontece como um meio invencível que remete ao autocontrole, tanto no aspecto físico como no mental. Dentro desse contexto de provação, Ueshiba (2006) descreve o *yamato-damashii*, que é o princípio por trás da espada divina que revela a alma da nação. Faz-se necessária a apropriação da profundidade nos atos, transformando seu próprio corpo numa verdadeira espada a fim de vencer o adversário.

Além de todo o sentido que é inculcado na prática do Budō, alguns métodos de treinamento são essenciais para a técnica. E sobre eles, relacionam-se as melhores estratégias, presentes em reações ilimitadas.

Siga o curso do Caminho Glorioso, use um para atingir a todos, e assim o uno abrirá o caminho a dez mil princípios vitais; forje as dez mil espadas, avance e persista para obter o máximo possível. Mantenha sempre a mente brilhante como o vasto céu, o grande oceano e a montanha mais alta, vazia de todos os pensamentos. (UESHIBA, 2006,p.34).

A apropriação do Budō toma o caráter da divindade, do controle dos sentidos, mas principalmente da disciplina perante as técnicas, as situações opostas e sobre os ensinamentos de seu mestre nos treinamentos. Ueshiba (1991, p.38) coloca o corpo do ser humano como uma criação do espírito divino, e assim como um breve raio de luz pode dispersar a escuridão, deve-se treinar intensamente, sempre intencionado de que pode ser superior à escuridão.

Quando existe referência ao Budō, são tomados como símbolo três mestres do seguimento, pertencentes a diferentes modalidades dentro da arte marcial: Kano, no judō; Funakoshi, no karate; assim como Ueshiba no aikidō. E quando for interessante, há como argumentar em comparativo sobre os três mestres, suas apropriações e participações na prática do aikidō.

Pode-se argumentar que todos os verdadeiros mestres acabaram praticando o aikido, independentemente da disciplina – seus movimentos tornam-se naturalmente mais circulares e eles confiam mais no timing, no poder do ki e na concentração pura do que na força física ou na técnica mecânica. (STEVENS, 1995, p.139).

A realização dos treinamentos, a apropriação sobre a técnica e a concepção da sinceridade sobre o que se sabe perante o oponente não resume a concepção do Budô. Sua prática é reconhecida exatamente na relação dos elementos céu, terra e humano, resultando no poder de água e fogo que é transmitido pelo poder da relação entre o corpo e o espírito durante a prática ou enquanto perspectiva de enfrentamento adverso.

Alçando ao reconhecimento geral sobre o assunto, Gomes (2008) coloca que historicamente o Budô se aproxima do território brasileiro com a vinda dos imigrantes japoneses. Segundo o próprio autor – Gomes (2003), a palavra significa caminho marcial, e traz consigo conceitos filosóficos, sociológicos, psicológicos e corporais de forma a influenciar no desenvolvimento da personalidade de seus praticantes. As possíveis divisões de maior adesão com relação ao caminho marcial da suavidade acabaram sendo propagadas em práticas como o Judô, o Karatedô e o Aikidô.

O aikidô tem Morihei Ueshiba como nome de maior representação aos conceitos e às técnicas. Sua criação tem uma relação influente com o judô, muito embora sejam práticas, em alguns momentos, às avessas. A palavra ‘*aiki*’ remete à palavra chinesa “*chi*” que significa energia, por sua vez e voltando ao vocabulário japonês, *aikichama* ao grito marcial de liberação de energia: “*kiai*”.

A palavra sumô vem de ‘*sumai*’, palavra de origem japonesa que faz referência a estrangulamentos ou uso de chaves específicas, aproximando-se do que é o wrestling. Sua origem está atrelada a um desafio por terras ancestrais divinas, que garante a conquista da raça japonesa. Gomes (2008) apresenta o elemento religioso do Sumô como um meio de diminuir as mortes causadas em lutas, associando-o a festival de colheitas. Outras possibilidades de luta surgiram a partir das técnicas do Sumô, como o kumi-uchi e o jiu-jitsu.

O kendô surgiu a partir do kenjutsu, e quando se fragmenta as duas expressões, avaliamos a sua proximidade: ‘*ken*’ significa espada ou lâmina, ‘*dô*’ refere-se ao caminho e ‘*jutsu*’ traz o significado de técnica. O kendô não possui um nome habilitado a sua criação, mas historicamente identifica-se sua criação já no século 19, ao fim do ofício samurai e o frequente desuso de espadas no território devido ao uso de armas de fogo.

O judô apresenta a popularização, isso se deve ao fato de ser uma modalidade olímpica. A origem *dojudô* (caminho suave), seguindo afirmações literárias de Stevens (2007), está atrelada à vida acadêmica de seu criador, Jigoro Kano (1860-1938). No fim do séc. XIX, quando encontrou um bom instrutor de jujutsu, mas o estilo adotado fazia uso do *atemi* (golpes em pontos fracos anatômicos) e técnicas de agarramento. Como em

determinados momentos as técnicas usadas por Kano se tornaram limitadas, ele buscou influência nas lutas ocidentais e conseguiu tirar proveito adaptando técnicas da luta greco-romana. Após sua graduação pela Universidade de Tóquio, o criador do judô fundou o Kodokan, “Instituto para o Estudo do Caminho”. Jigoro Kano relacionou o judôKodokan ao budismo Mahayana, segmento que interpretava o indivíduo e a sociedade como um todo. Quanto ao termo judô, já estava em uso haviam séculos, sendo definido como o “caminho que segue o fluxo das coisas”, mas acabou sendo interpretado pelo mestre como “o mais eficiente uso da energia”.

As lutas no contexto da Biodinâmica

Como dito antes, em sua origem as lutas tiveram como características práticas que se materializam nas formas de expressões corporais como as ações fundamentais de chutar, agarrar, utilizar instrumentos, entre outros. Dentro desse contexto podemos analisar a biodinâmica do esporte proposto, analisando termos como: biomecânicos, fisiológicos, nutricionais entre outros envolvidos ao que chamamos de saúde.

Pela disposição biomecânica da luta podemos destacar o equilíbrio e a estabilidade, pois são princípios importantes para o desempenho de habilidades esportivas no geral. O equilíbrio envolve controle e coordenação, qualquer força externa, gravidade, atrito, resistência ao ar ou força aplicada contra o atleta deve-se haver o equilíbrio para que aja compensação das forças. Já na estabilidade implica na quantidade de resistência que o atleta coloca contra o distúrbio de seu equilíbrio para o atleta se manter estável, ele deve gerar mais resistência contra as forças externas. Um lutador de sumô com as duas mãos no chão apresenta-se mais estável que um bailarino na ponta dos pés, o desequilíbrio no bailarino. Lutadores cujo sua massa corporal é alta tendem a ter uma melhor condicionante para estabilidade, chamada de estabilidade linear. Segundo Leandro Paiva o equilíbrio é de fundamental importância para se manter a estabilidade e poder mover se na direção adequada dentro da luta praticada.

As exigências relacionadas ao equilíbrio são típicas de modalidades de combate. Nas lutas, a capacidade de manter o equilíbrio de forma estável são influenciadas: pela magnitude da superfície de apoio, capacidade de estabelecer elevado grau de estabilidade na direção adequada, ações efetuadas pelo adversário, capacidade de abaixar o centro de gravidade e a variação de posições em função da superfície de apoio (2009, p.128)

Sobre o contexto biomecânico das Artes Marciais, um ponto importante para servir de base para a orientação do treinamento é conhecer a diferença entre as capacidades apresentadas por praticantes ou atletas com diferentes níveis de habilidade, que possam servir de base para estabelecer um padrão técnico conforme as possibilidades do praticante em executá-lo.

A fisiologia consiste em um estudo dos músculos que são envolvidos em movimentos, as artes marciais por se tratar de uma atividade física durante sua prática a várias substâncias liberadas entre elas o neuro-hormônio endorfina, produzida pelo organismo que proporciona a sensação de prazer e bem estar, influencia no estado emocional, ativação neuromuscular, gasto energético, reposição energética através da nutrição e repouso.

Durante a prática corporal o efeito fisiológico do corpo tende a proporcionar efeitos anaeróbicos e aeróbicos, logo, durante a prática a predominância de ambos vai depender de qual modalidade está sendo praticada, geralmente o treinador pode variar em treinamento anaeróbico e aeróbico, diante desse impasse tem visto que, para melhorar a capacidade aeróbica pode-se sustentar por um maior tempo de ações curtas e explosiva sem fadigar, e também podemos colocar em pauta que o atleta pode lutar mais de uma vez e em um curto espaço de tempo na qual a recuperação não é completa, aí vem as vantagens de se treinar as vias aeróbicas, por isso ela é predominante nos treinamentos de atletas das artes marciais independente do estilo de luta.

Dentro da luta no parâmetro profissional, no treinamento aeróbico podemos citar a mudança do GH, pois exercícios físicos podem auxiliar nos efeitos metabólicos nos indivíduos, de modo que as pesquisas apontam que indivíduos saudáveis que se submetem a infusão aguda de GH, de modo que a quantidades devem ser similares a liberação fisiológica de modo que é possível observar a síntese protéica, colaborando com a redução na degradação/ liberação de aminoácidos por conta do tecido muscular, um fato que poderia ter considerado como efeito anabólico.

O hormônio do crescimento deve ser considerado um importante agente modulador do metabolismo no exercício. Entretanto, apesar de ser atribuído a este hormônio inúmeros efeitos anabólicos sobre a massa muscular, pouca eficácia tem sido comprovada por pesquisas científicas, exceto em situações extremas, tais como a ausência ou redução acentuada de sua síntese ou ainda em casos de administração supra-fisiológica. Por outro lado, no metabolismo

lipídico, o hormônio do crescimento tem demonstrado efeitos lipolíticos diretos e indiretos, tais como o favorecimento da mobilização de ácidos graxos livres no tecido adiposo para geração de energia, o aumento na sensibilidade às catecolaminas, a estimulação na liberação de outros hormônios, tais como os da tireóide ou, ainda diminuindo a ação antilipolítica da insulina. Esses efeitos podem aumentar a capacidade de oxidação de gordura, bem como o gasto energético (CRUZAT et al., 2008. p. 557).

A lutas praticadas no amadorismo consistem em treinamentos visando o dia a dia. Muitas pessoas não buscam na arte marcial o esporte competitivo, mas interessam-se pela prática de artes marciais como esporte com o objetivo de desenvolvimento da aptidão física, ao mesmo tempo em que obtém habilidades de defesa pessoal. Considerando estes aspectos, a fisiologia desportiva apresenta grande contribuição para o progresso da compreensão sobre as artes marciais.

A nutrição nas artes marciais deve considerar elementos fundamental que envolvem o treino e preocupando com o controle o peso corporal, de acordo de cada luta e categoria que se encontra o atleta deve ter ingestão adequada de todos os nutrientes e líquidos necessários para conseguir praticar o esporte.

A grande parte dos atletas prepara para luta, acima do peso e emagrece nas vésperas da competição, essa perda rápida de peso é sinônimo de perda de massa muscular e desidratação, o que com certeza prejudicará a performance do lutador. No ano de 2006 Artioli, Franchini e Lancha Júnior deixam claro sobre o potencial maléfico da perda de peso pode exercer sobre a saúde e o desempenho, as reduções do peso poderiam acontecer desde que não ultrapassem à 2% do peso corporal.

Atletas utilizam-se de muitos artifícios para perder peso, entre eles, as dietas e restrições alimentares, a restrição hídrica, o uso de diuréticos, o uso de drogas farmacológicas e outras substâncias proibidas que afeta a saúde e o desempenho esportivo (HERNANDEZ, 2009).

Os lutadores deve manter alimentação adequada na sua preparação para lutas. Assim, Alimentação pré-treino; uma pequena refeição 1:00h antes do treino, sendo que está refeição deverá ser rica em carboidratos complexos de baixo índice glicêmico Alimentação durante o treino; Ingestão regular de líquidos, carboidratos e eletrólitos dependendo da intensidade e duração do treinamento, além das condições climáticas que não podem ser desprezadas.

“Ingestão de bebida carboidratada por atletas de judô durante uma sessão de treino resultou em menor contagem de leucócitos o que sugere proteção a saúde imunológica (Mendes e Colaboradores, 2009). ” Alimentação pós-treino; Após o treinamento é de extrema importância que repor os nutrientes depletados para garantir uma ótima recuperação e evitar o catabolismo. Hidratação: O atleta de luta deve garantir uma ingestão de líquidos de no mínimo 3 litros/dia. Para a literatura de Ellwanger, Brentano e Kruehl (2007), durante os treinamentos, recomenda-se uma ingestão entre 600 a 1200ml por hora de exercícios, independentemente do método, a alimentação e a hidratação nunca podem ser descuidados.

Os benefícios das Artes Marciais à saúde são enormes para crianças, adultos e idosos desenvolvendo trabalho corporal e mental, no âmbito psicológico, desenvolve autoestima, autoconfiança, concentração e disciplina. Através de movimentos funcionais como correr, saltar, puxar, empurrar, fazer força, e também a parte intelectual como saber aplicar o ataque e a defesa nos momentos certos, desenvolvendo assim a coordenação motora que ajudará não somente nas lutas em geral, mas em atividades simples cotidianas e até no desempenho nos estudos. No âmbito social, desenvolve espírito de equipe, cooperação, competição saudável, organização e responsabilidade.

As artes marciais de um modo geral ajudam a aprimorar o ser humano e o seu desenvolvimento interior, ajudam a desenvolver o trabalho de base, a velocidade e aprimora a precisão dos pés e mãos, o equilíbrio, a força e a coordenação. Através de estudos filosóficos das artes marciais, crianças aprendem a se comportar mais controladamente na sociedade, aprendem a ter espírito de equipe, dentre outros aspectos (MONAHAN, 2007).

Segundo os autores Papalia, Olds, e Duskin para os idosos as lutas geram benefícios facilitando tarefas diárias realizada em casa ou no trabalho, A idade cronológica proporciona um enfraquecimento de todo o corpo, a atividade física fará com que os tonos musculares sejam ativados. Através das técnicas das Lutas, mas, não somente ajudará em algum caso de agressão como também evitará acidentes domésticos, em caso de uma queda, o idoso saberá como cair de forma que não venha a se machucar, ou amenize os danos da queda ganhamos força e flexibilidade. Desta forma as crianças também são beneficiadas na lutas, “Crianças que praticam artes marciais adquirem inúmeros benefícios de imediatos na saúde e aptidão física, melhorando a condição cardiorrespiratória, força muscular, flexibilidade e composição corporal, prevenindo males pertinentes” (PAGANI, et al, 2012).

[...]A falha da memória em geral é considerada um sinal de envelhecimento. O homem que sempre manteve sua agenda na memória agora tem que anotá-la em um calendário; a mulher que toma diversos remédios agora mede a sua dosagem diária e coloca onde possa vê-los. Mas memória, assim como em outras habilidades cognitivas, o funcionamento das pessoas idosas declina vagarosamente e varia enormemente. ” [...] (2009, p.658).

Qualquer atividade física tem benefícios comprovados no controle da ansiedade e manutenção da autoestima e até mesmo evitando a depressão. Assim, qualquer modalidade de lutas como prática do exercício físico vem sendo cada vez mais aceita como uma forma de promover a saúde e o bem-estar.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE E DISCUSSÃO SOBRE OS DADOS

A apropriação das artes marciais orientais no campo acadêmico-científico pela Educação Física é o que dá sentido a esta pesquisa. Seu desenvolvimento se dá através da condição de enxergar pelos olhos da academia brasileira, e suas produções, as tradições orientais e as influências que trazem ao país em nível de discussão sobre áreas de conhecimento, caracterizadas como biodinâmica, pedagógica e sociocultural. Então, de forma geral, o objetivo foi identificar o cenário de produção sobre Artes Marciais no Brasil, tendo em suas especificidades a oportunidade de reconhecer abordagens, apresentar as obras publicadas, dar enfoque ao contexto da Biodinâmica e analisar as mesmas publicações.

Os dados que dão corpo à pesquisa realizada são formados, de forma genérica, por 22 revistas periódicas online da Educação Física, encontradas dentro da delimitação para a abordagem da pesquisa. Usando palavras-chave como lutas, combate e artes marciais, foram encontrados 125 artigos publicados entre os anos de 2005 e 2015³.

A projeção das produções acadêmicas sobre Artes Marciais feita por Cazetto e Lollo (2010) já considerava um crescimento no trato com o termo entre os anos 1997 a 2008, tanto na área de ciências humanas quanto na de ciências biológicas. Usando como delimitação para a pesquisa os trabalhos apresentados em congressos científicos, os autores já afirmavam o progresso na relação do âmbito científico com as lutas de combate.

[...] entende-se que o processo ocorrido nos últimos 12 anos é benéfico para a educação física e para as lutas e artes marciais. Mesmo que os dados tenham sido coletados em um ambiente restrito, o aumento nessa produção pode ser um importante indicativo como um estudo exploratório sobre a produção nacional. Podendo ainda contribuir no sentido de um bom aproveitamento pedagógico desse patrimônio cultural tão abrangente, popular e diversificado. (CAZETTO; LOLLO, 2010, p. 11).

³ Os artigos correspondentes foram buscados somente até o primeiro trimestre do ano de 2015.

A reprodução do que fora visto pelos autores citados é o que pode dar então sentido e possibilidade para o diálogo sobre a representação das produções nacionais sobre artes marciais orientais para o desenvolvimento desse cenário perante a Educação Física, no viés da pesquisa e da formação acadêmica.

Caminho Metodológico

Uma das necessidades da pesquisa é a sua justificativa, por isso, ao tratar de motivos para a pesquisa, é necessário relevar conceitos de Minayo (1994), condizentes ao questionamento de que contribuições para a compreensão, intervenção ou solução para o problema trará a realização de tal pesquisa. Entende-se, assim, que a metodologia perpassa por escolher uma linha de pensamento e abordagem feita partindo da realidade. Dessa forma, a metodologia está sempre dentro das teorias e refere-se a elas. Utilizando os conceitos apresentados, serão expostos o caminho metodológico da pesquisa, seu tipo e seus instrumentos.

A pesquisa assume o caráter quali-quantitativo, característica reconhecida pelos pontos que carrega para apresentar os dados e defender a ideia. A mesma busca através de seus instrumentos, coletar dados suficientes para apresentar e afirmar/defender uma ideia, porém em sua maioria, os dados usados serão apresentados através de gráficos e tabelas pela grande importância que os números possuem dentro do quadro informativo desta mesma pesquisa. A construção da pesquisa terá a interferência de alguns instrumentos. São eles:

- Coleta de dados: a coleta de dados, neste ponto, foi feita a partir da consulta de periódicos delimitados à qualificação pré-estabelecida e buscados dentro do acervo nacional por autores também atribuídos a esta mesma nacionalidade.
- Definição da amostragem: a amostragem foi feita seguindo conceitos de Minayo (1994), que questiona para a construção deste quesito a relevância da obra na construção e desenvolvimento da pesquisa, de forma que a busca pelos artigos reunidos tenha sido filtrada e considerada também a essa maneira.

- Análise de dados: a análise dos dados inseridos nas obras escolhidas foi realizada seguindo um critério de organização que sugere a divisão das obras por qualificação da pesquisa e categoria de linhas de pesquisa.

Os dados da pesquisa foram encontrados a partir das seguintes delimitações para a pesquisa:

- Periódicos online da Educação Física;
- Revistas brasileiras classificadas até 'B4' segundo o Qualis CAPES⁴ no ano de 2015;
- Artigos publicados entre 2005 e 2015;
- Artigos que tenham como tema as Artes Marciais orientais;
- Uso de palavras-chave, como: lutas, esporte de combate, artes marciais.

O que resulta no apanhado de 125 artigos encontrados em 22 revistas nacionais diferentes, ilustrados na seguinte tabela:

Tabela 01 - Periódicos da Educação Física e número de publicações encontradas

PERIÓDICOS	AVALIAÇÃO QUALIS	ARTIGOS
Caderno de Educação Física e Esporte	B4	01
Coleção Pesquisa em Educação Física	B4	23
Educação Física em Revistas	B4	04
Esporte e Sociedade	B4	02
Fitness & Performance Journal	B3	05
Revista Arquivos em Movimento	B4	01
Revista Brasileira de Ciência e Movimento	B2	05
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	B1	04
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	B1	09
Revista Conexões	B4	12
Revista ConScientiae Saúde	B2	02
Revista Corpo e Movimento	B4	01
Revista da Educação Física	B1	04
Revista Mineira de Educação Física	B4	13
Revista Motrivivência	B4	04
Revista Motriz	A2	09

⁴O Qualis CAPES é um sistema de classificação de periódicos nacionais e internacionais disponíveis na plataforma da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Revista Movimenta	B4	01
Revista Movimento	A2	12
Revista Movimento e Percepção	B4	05
Revista Pensar a Prática	B2	06
Revista Ulbra e Movimento	B4	01
Saúde em Revista	B4	01

Não por coincidência, o trabalho caminha em direções já feitas, como o trabalho de Correia e Franchini (2010), tendo como proximidade, além de outros pontos como o tema escolhido, a proposta de classificação dos artigos para as áreas de conhecimento que cabem à Educação Física.

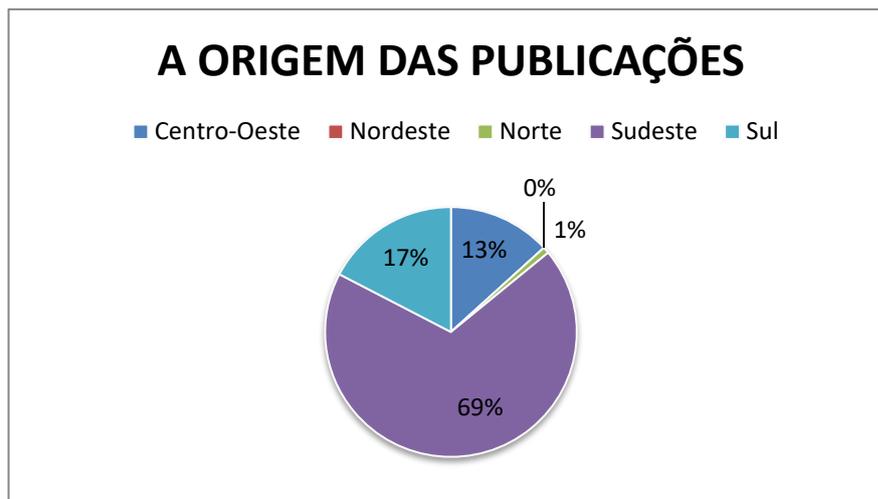
A classificação dos artigos quanto à sua temática seguiu a proposição de Tani(1996) para a estrutura acadêmica da Cinesiologia, Educação Física e Esporte. Nessa classificação, os estudos de caráter básico são realizados pela Cinesiologia, tendo como diferentes níveis de análise a Biodinâmica do Movimento Humano, o Comportamento Motor Humano e os Estudos Sócio-Culturais do Movimento Humano. Os estudos de caráter aplicado seriam conduzidos, no caso da Educação Física, nas áreas de Pedagogia do Movimento Humano e Adaptação do Movimento Humano, ao passo que no Esporte, os estudos seriam conduzidos nas áreas de Treinamento Esportivo e Administração Esportiva. A escolha dessa classificação se deveu ao fato da mesma contemplar áreas historicamente consolidadas no campo da Educação Física/Esporte no âmbito da produção de conhecimento. (TANI *apud* CORREIA; FRANCHINI, 2010. p. 04).

Termos que serão mais bem identificados e conceituados adiante, enquanto se interpretam os dados e seus resultados.

Resultados e Análise

Após o reconhecimento da linha metodológica adotada para a realização da pesquisa, apresentam-se as origens das produções acadêmicas segundo sua região no território brasileiro. Pois se o objetivo é a identificação de obras nacionais sobre Artes Marciais orientais, é relevante ainda que sejam reconhecidas as regiões e suas relações com a as pesquisas publicadas a âmbito nacional. Assim como a representação do mapeamento de produção nacional sobre o assunto:

Gráfico 01 – A origem das publicações



A apropriação do gráfico nos permite identificar as regiões brasileiras e seus índices de contribuição para esta mesma pesquisa, justificando que o cálculo percentual faz referência a 21 dos 22 títulos de periódicos, já apresentados, devido ao fato de uma delas (RBCE) não responder à especificidade do regionalismo buscado. Assim sendo, toma-se a região sudeste como maior contribuinte de periódicos chegando aos 69%; em seguida, vindo as regiões Sul com 17%, Centro-Oeste com 13%, Norte com 1% e a região Nordeste sem representação nas revistas da Educação Física seguindo os critérios de identificação e o Quali CAPES.

É evidente a diferença de produções entre a região Sudeste para as demais, o que pode ser justificado pelo fato de haver nesta região do país um alto número de cursos de graduação e pós-graduações, trazendo a determinação de uma maior necessidade de produções a nível de pesquisa, não simplesmente pela publicação das mesmas.

Retomando o diálogo com o que fora citado anteriormente por Correia e Franchini (2010) sobre considerar diferentes áreas de conhecimento como a Biodinâmica, Sociocultural e a linha Pedagógica para estruturar um trabalho dentro da lógica da Educação Física. Daí surge a possibilidade de enxergar pluralidades, internalizadas nas várias configurações das lutas, seja em determinações sociais, formas de expressão, repertório técnico, linguagens, organização e institucionalização. Manoel e Carvalho (2011) sintetizou de forma sucinta o que representam para a pesquisa na Educação Física a Biodinâmica:

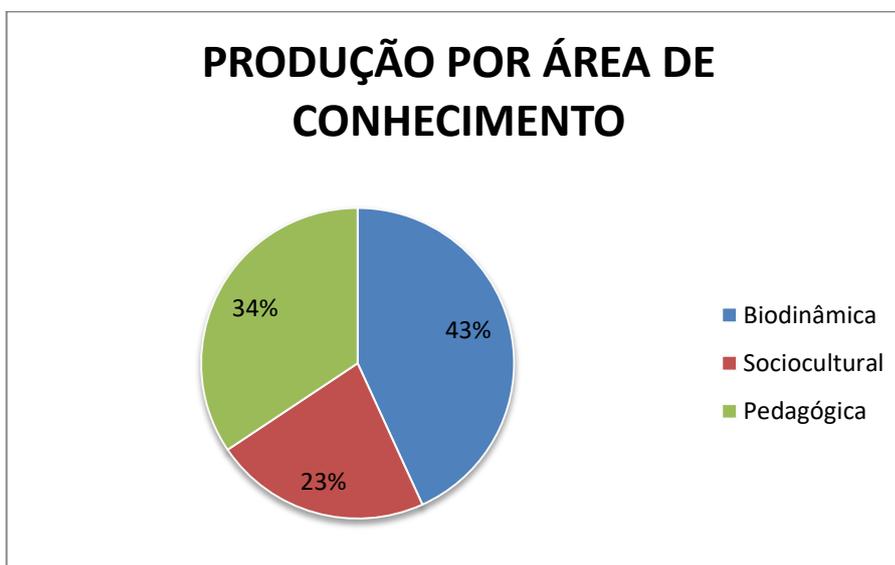
A biodinâmica compreende as atividades de pesquisa dentro de subdisciplinas como bioquímica do exercício, biomecânica, fisiologia do exercício, controle motor, aprendizagem e desenvolvimento motor, além de alguns campos aplicados, como nutrição esportiva e treinamento físico e desportivo. As linhas de pesquisa na biodinâmica são orientadas pelas ciências naturais (ABERNETHY, 1996; AMADIO; BARBANTI, 2000 *apud* MANOEL; CARVALHO, 2011. p. 392).

A linha Sociocultural, segundo os mesmos autores (p. 392), é tratada como uma subárea que trata de temas como esporte, práticas corporais e atividade física nas perspectivas da sociologia, da antropologia, da história e da filosofia. E a linha Pedagógica, que também, segundo afirmação de Manoel e Carvalho (2011) traz as seguintes características:

[...] investiga questões relativas à formação de professores, ao desenvolvimento curricular, aos métodos de ensino e à pedagogia do esporte, além de tratar de aspectos metodológicos, sociais, políticos e filosóficos da educação. As subáreas sociocultural e pedagógica definem suas linhas de investigação orientadas pelas ciências sociais e humanas. (p. 392).

Após identificar linhas de pesquisa possíveis, reconhecer seus conceitos e chamar para a pesquisa abordagens relativas ao tratamento pela Educação Física e seu caráter de pesquisa, como as vertentes educacionais e formativas, a influência social e suas determinantes históricas, além dos aspectos voltados ao tratamento funcional e as respostas do corpo humano frente à prática das artes marciais. O que nos permite então acenar com divisões como a do gráfico seguinte:

Gráfico 02 – Produção por área de conhecimento



Dentro da representação gráfica acima, tendo a totalidade dos 125 títulos reunidos para análise da produção acadêmica sobre artes marciais no Brasil, são atribuídos, segundo a figura, 43% (o equivalente a 54 títulos) para estudos sobre artes marciais segundo aspectos da Biodinâmica; 34% (o equivalente a 43 títulos) das pesquisas levantadas são dirigidas para a linha do estudo Pedagógico; e então, os 23% (o equivalente a 28 títulos) restantes das obras buscam mostrar algo dentro do cenário Sociocultural.

Outro critério interpretativo facilmente adotado neste caso, refere-se ao quantitativo de produções e o envolvimento às categorias anteriormente descritas, sendo elas a linha Biodinâmica, Pedagógica e Sociocultural. Dentro dessa condicionante para análise, a classificação e empregabilidade de alguns termos acabam se tornando referenciais às linhas de pesquisa, como exemplo, Artes marciais e esportes de combate, Artes marciais e lutas, Artes marciais e defesa pessoal, termos que encaminham as suas respectivas pesquisas para áreas de cunho esportivo, de construção e debate ao social ou, até mesmo, o debate educacional.

Tabela 04 – A produção pela categorização e seus encaminhamentos

CATEGORIA/ ANO	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	TOTAL
Biodinâmica	----	-----	8	6	9	5	0	5	7	4	-----	54
Pedagógico	----	-----	4	4	3	1	2	7	0	2	-----	43
Sociocultural	1	-----	1	2	3	3	5	3	3	7	-----	28
Total	1	-----	3	2	5	9	7	5	0	3	-----	125

A produção acadêmica sobre artes marciais em suas modalidades de origem oriental chama para alguns caminhos enquanto temas a serem pesquisados, de forma que, sobre as três vertentes anteriormente ditas e conceituadas, segundo a Tabela 04, o aspecto mais utilizado é na área da Biodinâmica. Isso porque, quando isolamos essas possibilidades de caminho, encontra-se na linha Pedagógica um ponto de alta procura para a discussão e relevância das artes marciais enquanto componente do conteúdo educacional, além de seus efeitos, o caráter de reprodução e aplicações metodológica. Quanto à linha Sociocultural, tem seu padrão no ritmo de publicações (com exceção dos anos de 2006 e 2015, os anos demais apresentaram ao menos uma publicação). Ressalta-se que nessa linha se encontra também a única publicação sobre artes marciais no ano de 2005 (não se teve publicação nas outras linhas). Também é possível observar que esta linha é a que possui o maior número de trabalhos no ano de 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados encontrados e analisados nesta, sabe-se que tratam de assuntos relacionados a práticas da arte marcial originais do território oriental, trazendo parte da cultura, da técnica, da origem aos meios de apropriação no território brasileiro / ocidental. Em sua maioria, e em acordo com o gráfico (Gráfico 02, p.36), os artigos estão no campo de pesquisa da Biodinâmica, seguido daí por interesses sobre o Pedagógico e, por fim, procura a ideia sobre o Sociocultural. Perante tal reconhecimento, a produção acadêmica sobre artes marciais orientais não alça grandes voos, considerando que dentro de uma margem de 10 anos, foram encontrados 125 títulos em periódicos da Educação Física e isso traz uma média aproximada de 12,5 artigos sobre artes marciais orientais por ano (1,04 ao mês), porém, cabe a lembrança sobre o número de periódicos, logo encontramos uma média aproximada de 0,56 artigos publicados por cada revista no ano sobre o tema, independente da linha de pesquisa.

Além do caráter produtivista, outros autores também fazem análise sobre as áreas de conhecimento a que a Educação Física se insere. Desta forma, valoriza-se os termos e o viés da pesquisa estudada, notando uma mistura de seus significados. Perspectiva que também é notada, e acaba definida por Gonçalves e Silva (2013, p.5):

[...] são marcantes as tentativas de definir uma classificação que dê conta de fixar determinado modo de nomear e dar sentido a essas práticas corporais. Alguns as assumem enquanto Artes marciais, outros tratam como Lutas, sem mencionar outras formas esporádicas de classificá-las como modalidades Esportivas de Combate ou, até mesmo, Jogos de Lutas. Mas que diferença isso implica? Do ponto de vista acadêmico parece que a utilização de diferentes termos para falar de atividades tão parecidas está associada à ênfase que se deseja dar à perspectiva pela qual elas são discutidas. Assim, analisá-las por um viés pedagógico, por exemplo, implicaria classificá-las e nomeá-las diferentemente de quando são abordadas em uma perspectiva esportiva de alto-rendimento.

A sugestão de códigos ou de terminologias próprias da área de estudo existe pela dada necessidade de segmentar as ideias e as possibilidades de conhecimento dentro da Educação Física, facilitando e encaminhando à área de pesquisa/conhecimento. É o que ainda Gonçalves e Silva (2013) chamam para o começo da construção de um assunto que pode ser relevante ao conhecimento, relacionado e sendo nomeado através de formas e por diferentes lugares de existência ou aplicação da prática, trazendo daí a legitimidade da proposta.

O número de obras que compõem a pesquisa entra no grupo de produtividade que interfere no caráter de atuação profissional e exploratório no âmbito acadêmico, já que segundo afirma Cazetto e Lollo (2010), quando avalia os níveis de trabalhos acadêmicos sobre lutas e artes marciais apresentados em congresso, o crescimento do tema representa um crescimento na diversificação de área de atuação da Educação Física, além de compor um

processo de cientifização e erudição, especificamente no ambiente das lutas e artes marciais, o que é necessário quando consideramos o seu número de praticantes.

Dentro dos dez anos e o grau de deficiência produtiva com relação às artes marciais orientais no Brasil, existe a pertinência sobre um campo a ser mais bem explorado desde a prática de qualquer que seja a modalidade ou seu campo de ação, até a própria pesquisa e o sentido que ela possa trazer para a Educação Física. Contribuindo para a contínua capacitação acadêmica e até mesmo do sujeito inserido no ambiente das artes marciais independente do personagem que assume, ou qualquer que seja a determinação terminológica que deva assumir enquanto Arte Marcial, Luta, Esporte de Combate, defesa pessoal, Budō, entre outros.

No que diz respeito ao campo de ação e influencia desta pesquisa, existe a alta ligação com possibilidades de articulação com a formação do indivíduo em Educação Física pelo viés das Artes Marciais. Algo que posteriormente teria interferência com as relações e efeitos da mesma no âmbito, além de pedagógico, também sociocultural.

O conhecimento básico das lutas, através da formação em Educação Física, deve assumir a condição introdutória e estimulante aos alunos com relação à prática das lutas. Tendo em vista todo o conceito hierárquico a que se deve respeito, tanto por parte das artes marciais, como pelas práticas patrimoniais e históricas do país. Mas ainda, a nível de introdução, é possível administrar, diante da afirmação sustentada por Breda *et al.* (2010) pela ausência de uma disciplina que abordasse o tema no currículo da faculdade de Educação Física ou por esta ter sido insuficiente para desmistificar a crença de que é necessário ser um “mestre” para propiciar vivências que permitam conhecimento das lutas.

É preciso reconhecer que a partir de todos os números anteriormente apresentados e analisados, podem surgir formatos de análises mais profundas sobre o academicismo brasileiro, tal qual a qualidade de formação, a influência que tem a pesquisa no território nacional e até mesmo qual a frequência e importância serão dados para as artes marciais, considerando o tempo em que houver ação sobre sua experimentação e estudo no âmbito acadêmico.

Sobre o resgate do primeiro passo da pesquisa, responde-se que o retrato das artes marciais, se visto pela Educação Física brasileira, tem um suporte ainda muito frágil, considerando que a sua introdução ao currículo e apropriação por parte do meio social ainda é uma constante descoberta, o que coloca como um ponto ainda muito novo a ser considerado e estudado. Porém, não pode ser descaracterizado que tem se procurado cada vez mais

alternativas para aplicar e entender como funciona o processo biologicista dentro das lutas de combate, além do caráter de entendimento e influência pedagógica.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 03ª edição. Ijuí, RS: Unijuí, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília (DF): MEC/SEF, 1997.

BREDA, M; GALATTI, L; SCAGLIA, A. J; PAES, R. R. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte, 2010.

CAZETTO, F. F.; LOLLO, P. C. Publicações sobre lutas e artes marciais em congressos de iniciação científica. **Conexões**. Campinas (SP), v. 8, n. 2, 2010.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**. Rio Claro (SP), v.16 n.1, 2010.

CRUZAT, V. F . et al.. Harmonio do crescimento e exercício físico: considerações atuais. **Revista Brasileira de Ciência Farmacêutica**. São Paulo (SP) .v. 44, n.4, 2008.

DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21ª edição. Petrópolis, RJ: **Voices**, 1994.

FERREIRA, H. S. As lutas na Educação Física escolar. **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro (RJ), n. 135, 2006.

FROSI, T. O.; MAZO, J. Z. Repensando a historia do karate contada no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo (SP), v.25, n.2, 2011.

GOMES, F. J. C. Quatro histórias e uma epifania: estudos interdisciplinares acerca do budô japonês. **Dialogia**. São Paulo (SP), v. 07, n. 01, 2008.

GONÇALVES, A. V. L.; SILVA, M. R. S. da. Artes marciais e lutas: uma análise da produção de saberes no campo discursivo da Educação Física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis (SC), v. 35, n.3, 2013.

MANOEL, E. de J.; CARVALHO, Y. M. de. **Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica**. Educação e Pesquisa, São Paulo (SP), v.37, n.2, 2011.

MARTA, F. E. F. **Em memória das lutas: as artes marciais orientais e a sua presença na cultura corporal de São Paulo**. São Paulo, SP: EDUC, 2010.

MARTINS, C. J.; KANASHIRO, C. Bujutsu, Budô, esporte de luta. **Motriz**. Rio Claro (SP), v. 16, n. 3, 2010.

NEIRA, M. G.; UVINHA, R. R. Cultura corporal: diálogos entre Educação Física e lazer. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2009.

PIMENTA, T. Imaginário e identidades ocidentais: contribuição para a interpretação de artes marciais orientais no Brasil. In: 1º ENCONTRO DA ALESDE, 2008, Curitiba. **Livro: 1º Encontro da ALESDE 2008**. Disponível em: <<http://www.alesde.ufpr.br/encontro/trabalhos/75.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2015.

REID, H.; CROUCHER, M. O caminho do guerreiro: o paradoxo das artes marciais. 02ª edição. São Paulo, SP: **Cultrix**, 2004.

SILVA, A. M.; LAZZAROTTI FILHO, A.; ANTUNES, P. de C. in FENSTERSEIFER, P. E.; GONZALEZ, F. J. **Dicionário crítico da Educação Física**. 03ª edição. Ijuí, RS: Unijuí, 2014.

SO, M. R.; BETTI, M. Saber ou fazer? O ensino de lutas na Educação Física escolar. **Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: as lutas no contexto da motricidade/Simpósio sobre o ensino de graduação em Educação Física**, v. 15, 2009.

SOUSA, M. F. de. **Do conceito de *bun bu ryo* do à atividade esportiva: a racionalidade moderna nas lutas marciais tradicionais**. Goiânia: FCS/UFG, 2010.

STEVENS, J. Três mestres do Budô. São Paulo, SP: **Cultrix**, 2007.

STIGGER, M. P. **Educação Física, esporte e diversidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

TRUSZ, R. A.; NUNES, A. V. A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS. **Movimento**. Porto Alegre (RS), v. 13, n.1, 2007.

UESHIBA, M. **Budô: ensinamentos do fundador do Aikidô**. 03ª edição. São Paulo, SP: **Cultrix**, 2006.

YONEZAWA, F. H. Algo se move: um elogio filosófico-ético à prática do combate como arte e educação. **Motriz**. Rio Claro (SP), v. 16, n. 2, 2010.

ANEXOS

AMOSTRAGEM DE PESQUISA

Tema: Artes marciais no Brasil

A amostragem será feita seguindo conceitos de Deslandes *et al.* (1994, p. 43), que questiona para a construção deste quesito a relevância da obra na construção e desenvolvimento da pesquisa, de forma que a busca pelos artigos reunidos tenham sido filtrados e considerados também a essa maneira. Para a elaboração da pesquisa foram utilizadas obras publicadas dentro de um período máximo de dez anos, além do uso da aplicação de conceito Quali capes na classificação dos periódicos – tendo permissão de uso entre A1 e B4 – para obras produzidas dentro do cenário de pesquisa da Educação Física. Resultantes em 129 obras publicadas entre 2005 e o primeiro trimestre de 2015, retiradas de 22 periódicos diferentes. A identificação dos periódicos será feita mediante atribuição de título da revista, código ISSN (código numérico que constitui um identificador unívoco para cada título de publicação em série - International Standard Serial Number.).

1. IDENTIFICAÇÃO DOS PERIÓDICOS

Revista: Caderno de Educação Física e Esporte

ISSN: 1676-2533

Unidade: UNIOESTE - PR

Classificação CAPES: B4

Disponível em: < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica>>

Revista: Coleção Pesquisa em Educação Física

ISSN: 1981-4313

Unidade: Editora Fontoura

Classificação CAPES: B4

Disponível em: < <http://www.fontouraeditora.com.br/periodico/index.html>>

Revista: Educação Física em Revista

ISSN: 1983-6643

Unidade: UCB - DF

Classificação CAPES: B4

Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/index>>

Revista: Esporte e Sociedade

ISSN: 1809-1296

Unidade: NEPESS/UFF - RJ

Classificação CAPES: B4

Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/>>

Revista: Fitness & Performance Journal

ISSN: 1519-9088

Unidade: Instituto Crescer com Meta

Classificação CAPES: B3

Disponível em: <<http://www.fpjournal.org.br/index.php>>

Revista: Revista Arquivos em Movimento

ISSN: 1809-9556

Unidade: EEFD/UFRJ - RJ

Classificação CAPES: B4

Disponível em: < <https://revista.eefd.ufrj.br/EEFD/index>>

Revista: Revista Brasileira de Ciência e Movimento

ISSN: 0103-1716

Unidade: UCB - DF

Classificação CAPES: B2

Disponível em: < <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/index>>

Revista: Revista Brasileira de Ciências do Esporte

ISSN: 0101-3289

Unidade: CBCE - BRA

Classificação CAPES: B1

Disponível em: < <http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/index>>

Revista: Revista Brasileira de Educação Física e Esporte

ISSN: 1807-5509

Unidade: EEFE/USP - SP

Classificação CAPES: B1

Disponível em: < <http://rbefe.blogspot.com.br/p/rbefe.html>>

Revista: Revista Conexões

ISSN: 1983-9030

Unidade: UNICAMP - SP

Classificação CAPES: B4

Disponível em: <<http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/index>>

Revista: Revista ConScientiae Saúde

ISSN: 1677-1028

Unidade: UNINOVE - SP

Classificação CAPES: B2

Disponível em: <<http://www4.uninove.br/ojs/index.php/saude>>

Revista: Revista Corpo e Movimento

ISSN: 1983-3237

Unidade: FIPA - SP

Classificação CAPES: B4

Disponível

em:

<<http://www.fundacaopadrealbino.org.br/facfipa/teste.php?p=nucleoner#tab3>>

Revista: Revista da Educação Física

ISSN: 0103-3948

Unidade: DEF/UEM - PR

Classificação CAPES: B1

Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/index>>

Revista: Revista Mineira de Educação Física

ISSN: 0104-8031

Unidade: DEF/UFV - MG

Classificação CAPES: B4

Disponível em: <<http://www.revistamineiraefi.ufv.br/>>

Revista: Revista Motrivivência

ISSN: 2175-8042

Unidade: UFSC - SC

Classificação CAPES: B4

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/index>>

Revista: Revista Motriz

ISSN: 1980-6574

Unidade: UNESP/Rio Claro - SP

Classificação CAPES: A2

Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/index>>

Revista: Revista Movimenta

ISSN: 1984-4298

Unidade: ESEFFEGO/UEG - GO

Classificação CAPES: B4

Disponível em: <<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/movimenta/index>>

Revista: Revista Movimento

ISSN: 1982-8918

Unidade: ESEF/UFRGS - RS

Classificação CAPES: A2

Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/index>>

Revista: Revista Movimento e Percepção

ISSN: 1679-8678

Unidade: UNIPINHAL - SP

Classificação CAPES: B4

Disponível em: <<http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/index.php>>

Revista: Revista Pensar a Prática

ISSN: 1980-6183

Unidade: FEFD/UFG - GO

Classificação CAPES: B2

Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/feff/index>>

Revista: Revista Ulbra e Movimento

ISSN: 2178-4515

Unidade: CEULJI/ULBRA - RO

Classificação CAPES: B4

Disponível em: -

Revista: Saúde em Revista

ISSN: 1516-7356

Unidade: UNIMEP - SP

Classificação CAPES: B4

Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/saude>>